

Estudos históricos acerca da psicologia brasileira uma contribuição

Marina Massimi

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MASSIMI, M. Estudos históricos acerca da psicologia brasileira. In FREITAS, RH., org. *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 69-83. ISBN: 978-85-99662-83-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Estudos históricos acerca da psicologia brasileira: uma contribuição

*Marina Massimi**

A questão básica que fundamenta os estudos que venho desenvolvendo é a da identidade da Psicologia brasileira. Para compreender esta identidade, a reconstrução histórica tem demonstrado ser um recurso fundamental. As investigações por mim realizadas desde 1982 apontam para alguns “percursos” promissores, no âmbito dessa reconstrução; os quais serão discutidos a seguir.

A definição da linha de pesquisa “Estudos históricos em psicologia e história das idéias psicológicas na cultura brasileira”

Ao longo desses anos de trabalho, manifestou-se a necessidade de definir as características teóricas de uma linha de pesquisa que pudesse dar organicidade e abrir novas perspectivas ao percurso até então realizado.

Em primeiro lugar, uma vez consolidada a opção por dedicar-se aos estudos históricos, cabe esclarecer o objeto geral de tais estudos.

Tal objeto não é restrito à Psicologia científica, mas abrange o domínio das assim-chamadas “idéias psicológicas”. Apesar dessa expressão ter sido criticada nos anos 70 por ter uma conotação “idealista”, é hoje em dia recuperada no contexto da História Cultural, sendo utilizada para denominar todas as elaborações conceituais e todas as práticas de intervenção com indivíduos e grupos, geralmente definíveis como “psicológicas”, mas formuladas e aplicadas em épocas anteriores ao advento da Psicologia científica, por diferentes culturas e em diversos contextos geográficos e sociais. Por outro lado, reconstruir a evolução histórica das Idéias Psicológicas significa abordá-las no seio de seu contexto de produção, a saber, não como meros produtos intelectuais e sim, como expressões de experiências de vida estruturadas em mentalidades, que seriam específicas de diversas coletividades humanas em diferentes

* FFCL, USP, Ribeirão Preto.

domínios espaço-temporais. Em suma, é preciso estabelecer nexos entre a História das Idéias Psicológicas, a História das Mentalidades, a Antropologia Histórica e as demais disciplinas complementares que se fazem necessários para examinar as temáticas próprias da História das Idéias no seu contexto de produção originário.

Como objeto da “História das Idéias Psicológicas” pode ser considerada toda e qualquer colocação sob forma discursiva de assuntos psicológicos. Por sua vez, os assuntos psicológicos podem ser selecionados e diferenciados conforme quatro tipos diferentes de categorias:

a. categorias estritamente psicológicas, relacionadas à “Psiqué” entendida no sentido etimológico do termo. O estudo da “Psiqué” abrange uma grande gama de conceitos, teorias e métodos, dependendo dos diferentes significados atribuídos à palavra “Psiqué” ao longo da história da cultura;

b. categorias mentais, que se referem à estrutura e às funções da mente humana, definidas no sentido explicitado pela filosofia cartesiana e, posteriormente, reelaborado pelas psicologias mentalistas;

c. categorias comportamentais, incluindo-se toda e qualquer observação, método ou teoria acerca do comportamento humano ou animal. Embora o significado científico de tais categorias tenha sido aclarado só recentemente pelas escolas funcionalista e behaviorista, sua utilização no seio de várias áreas da cultura humana (por exemplo, Filosofia Natural, Pedagogia, Ética) é muito antiga, originando toda uma tradição de Psicologia Objetiva;

d. categorias antropológicas, incluindo toda e qualquer observação, método ou teoria acerca do ser humano, sua natureza, existência e comportamento, globalmente considerados.

Esta delimitação do objeto da História das Idéias Psicológicas tem uma conseqüência muito importante no plano metodológico: a necessidade de detectar e contextualizar as “idéias psicológicas” nas diferentes áreas do saber das épocas consideradas, no âmbito de outras disciplinas, às vezes já estruturadas e institucionalizadas. Tal necessidade não caracteriza apenas a História das Idéias Psicológicas, mas também a História das Ciências em geral, pois, em várias épocas históricas, encontram-se textos que, rotulados como “filosóficos”, podem documentar ao mesmo tempo o período de

“gestação ideológica” de conceitos e métodos que serão repropostos pelas ciências modernas.

Estas categorias gerais proporcionam um crivo para a seleção, a classificação e a organização das fontes levantadas que respeite a sua significação peculiar relativa ao contexto espaço-temporal de sua produção, evitando leituras e interpretações reducionistas ou preconceituosamente distorcidas pela ótica do presente.

Uma vez definida a área “História das Idéias Psicológicas”, podemos esclarecer o significado da expressão “História das idéias psicológicas na cultura luso-brasileira da época colonial”, enquanto linha de pesquisa. A escolha aparentemente inusitada de reconstruir uma história das idéias psicológicas neste contexto nasce da seguinte convicção: os elementos que caracterizam a cultura brasileira no contexto do mundo ocidental e os possíveis aspectos de inovação e de originalidade por ela sugeridos no âmbito psicológico somente podem ser apreendidos numa perspectiva ampla e a partir de suas raízes históricas mais profundas.

Embora evidentemente na época colonial não houvesse uma Psicologia no sentido atual do termo, é possível reconstruir uma História das Idéias Psicológicas características da cultura luso-brasileira através da leitura de alguns textos representativos da mesma. Os resultados de uma primeira tentativa desenvolvida a esse respeito foram propostos na dissertação de Mestrado, orientada pelo professor doutor Isaías Pessotti e apresentada no ano de 1985 e sucessivamente sintetizados em alguns artigos (1986; 1990; 1991; 1993). Neste trabalho, cujo título é *História das Idéias Psicológicas no Brasil em obras do período colonial*, após consulta a alguns catálogos bibliográficos e após um levantamento prévio realizado em Bibliotecas de São Paulo e Rio de Janeiro, foram escolhidas e analisadas 16 obras de autores brasileiros da época colonial, nas áreas de Medicina, Literatura Moral, Teologia, Política, Pedagogia, Arquitetura, contendo páginas dedicadas ao estudo de conteúdos inerentes à vida psíquica.

Os autores (médicos, filósofos, pregadores, educadores e moralistas) realizam, na maioria das vezes, sua formação cultural no exterior, mas, uma vez regressados ao Brasil, desenvolvem aqui uma atuação muito significativa nos campos da cultura, da educação e da política nacionais. Por isso, o interesse demonstrado por estes autores para os conhecimentos e as práticas psicológicas representa, a meu ver, um fator sintomático da

relevância que tais conhecimentos e práticas assumem no contexto da mentalidade brasileira do período.

Esta primeira experiência historiográfica enfatizou a oportunidade de dar continuidade à investigação acerca das raízes socioculturais que norteiam conhecimentos e práticas psicológicas, no âmbito da cultura brasileira.

No ano de 1991, às vésperas das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento das Américas, discutiu-se muito sobre este acontecimento e suas diversas significações e implicações nos vários campos da cultura mundial. Alguns autores, como, por exemplo, Chaunu, Todorov, Boxer, Randless, já haviam apontado as conseqüências do Descobrimento dos Novos Mundos no que diz respeito à formulação do conceito de homem e de humanidade. A partir da leitura de textos desses autores, nasceu em mim o interesse em estudar a significação deste acontecimento histórico, do ponto de vista antropológico e psicológico, dando origem a um projeto de pesquisa cujo título geral é *História das Idéias Psicológicas na cultura luso-brasileira dos séculos XVI e XVII*.

A hipótese que fundamentava este projeto era a de que o entendimento das mudanças ocorridas no plano intelectual, quanto ao processo de elaboração dos conhecimentos antropológicos e psicológicos ao longo do século XVI, na cultura portuguesa, possibilitaria a compreensão das continuidades e das descontinuidades existentes na dinâmica histórica que gerou o homem ocidental moderno. Seria possível reconhecer, especialmente, as modalidades com que as heranças do mundo clássico e da Europa medieval e os questionamentos e os valores da civilização renascentista compararam-se com os Novos Mundos e com a diversidade de experiências antropológicas neles encontradas. O Brasil é um interessante “observatório” deste processo, sendo que sua própria configuração sociocultural é produto dele.

O projeto previa, como primeira etapa, o levantamento de todo o material documentário útil à indagação desse tema em acervos de Portugal, Itália, Espanha.

A realização desta primeira parte do Projeto ocorreu no ano de 1991. Entre os acervos visitados, merece destaque o Arquivo da Cúria Geral da Companhia de Jesus, em Roma – sem dúvida, um dos acervos mais ricos e

completos de fontes sobre a história do Brasil quinhentista, pois nele encontra-se a coleção completa das cartas manuscritas anuais e quadrimestrais redigidas pelos Padres e Irmãos residentes nas diversas Capitanias da Terra de Santa Cruz, a partir do ano de 1549, data da chegada dos padres missionários.

Ao longo do levantamento documentário, foram coletados dois tipos de fontes: documentos que se referem à caracterização psicossocial do índio brasileiro, elaborados por autores do século XVI, por um lado, e documentos expressivos dos conhecimentos psicológicos na cultura portuguesa quinhentista, por outro.

As fontes do primeiro tipo foram classificadas em dois grupos: as que foram elaboradas por testemunhas diretas (a saber, roteiros, diários e relatos de viagem; cartas; tratados escritos por viajantes ou colonos); e as que foram elaboradas por testemunhas indiretas (por exemplo, as crônicas históricas acerca do descobrimento e da colonização do Brasil). As fontes do segundo tipo foram agrupadas em tratados filosóficos, jurídicos e teológicos; obras científicas (principalmente médicas); textos de literatura humanista e de literatura ético-catequética.

Alguns resultados parciais da pesquisa já foram apresentados na tese de Livre-Docência bem como em artigos ou comunicações em congressos nacionais e internacionais.

Com efeito, devido à variedade quantitativa e qualitativa das fontes, é possível desenvolver diversos modos e perspectivas de análise das mesmas.

Do ponto de vista da temática abordada, os resultados obtidos no levantamento do material documentário e as primeiras análises desenvolvidas a respeito confirmam a hipótese acerca da relevância do acontecimento histórico do descobrimento e da colonização do Brasil para a elaboração dos conhecimentos psicológicos na cultura portuguesa da época e, possivelmente, na cultura do Ocidente moderno.

A transformação cultural resultante desses eventos pode ser analisada, na perspectiva psicológica, em dois níveis:

1) no plano da História das Idéias Psicológicas, detectando, no contexto da cultura portuguesa quinhentista, as eventuais influências e mudanças de ótica na formulação dos conceitos, induzidas pelo

reconhecimento da existência de novas e diversas modalidades da experiência humana. Através da leitura das fontes podem ser focalizados conceitos psicológicos relativos ao domínio das relações interpessoais, dos sentimentos, desejos e motivações, da percepção e da cognição. Tais conceitos integram a representação daquilo que pela cultura portuguesa da época é definido como “Homem Moral”, categoria esta que se encontra formulada freqüentemente nos textos quinhentistas, para definir o conjunto de fenômenos subjetivos e comportamentais que caracterizam a personalidade humana.

Desse modo, à análise histórica caberá investigar a categoria de “Homem Moral” assim como ela é formulada na cultura portuguesa quinhentista, bem como a maneira com que ela é aplicada à descrição e à explicação do comportamento do índio nas crônicas e na literatura de viagem elaboradas pelos portugueses naquela época.

2) no plano da vivência subjetiva e intersubjetiva, analisando os fenômenos psicológicos envolvidos nos processos de descobrimento e convivência com a alteridade assim como foram relatados pelos protagonistas em cartas, diários de viagem, anotações, tratados.

A escolha desta segunda perspectiva de leitura da documentação acarretou uma ampliação dos horizontes de minha investigação historiográfica, do ponto de vista metodológico. Com efeito, descobri que, além das tradicionais História da Psicologia e História das Idéias Psicológicas, existe uma terceira possibilidade de colaboração entre Psicologia e História, a saber, a utilização das teorias e métodos da Psicologia como recursos para a interpretação histórica, caminho este que já está sendo percorrido, por exemplo, pelos historiadores das Mentalidades e do Imaginário.

Neste nível de análise, o estudo se detém, principalmente, na compreensão da dinâmica de reestruturação da identidade psicossocial dos atores envolvidos no processo histórico, assim como esta é descrita e interpretada nos relatos escritos por eles. Nesse sentido, a análise limita-se apenas à consideração das fontes portuguesas, carecendo de documentação escrita para a narração e a interpretação da experiência vivenciada pelos índios brasileiros.

Outra perspectiva importante para a reconstrução da história da psicologia brasileira é o estudo da institucionalização da psicologia enquanto disciplina – autônoma ou subárea de diversos campos de saber (filosofia, medicina, direito, pedagogia) –, definindo objetos e metodologias específicas.

Uma pesquisa realizada nesta linha foi apresentada como Tese de Doutorado no ano de 1989 (*A Psicologia em instituições de ensino brasileiras no século XIX*), orientada pelo Professor Doutor Isaías Pessotti. Para a realização deste trabalho, foram levantados documentos relativos à vida acadêmica em algumas instituições de ensino existentes no século XIX nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, tais como planos de ensino, provas de alunos, manuais, teses e artigos de periódicos produzidos por professores e alunos, currículos, etc.

A investigação apontou para uma evidente e estrutural descontinuidade no percurso histórico de institucionalização da Psicologia no país.

Evidenciou-se que, já desde o século XIX, o ensino de conteúdos psicológicos era desenvolvido em instituições escolares, de nível superior e secundário, pelo menos na área geográfica estudada (as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro).

De modo geral, pode-se afirmar que o conhecimento psicológico no Brasil do século XIX consiste na reelaboração do saber produzido na Europa (principalmente na França e na Inglaterra) e nos Estados Unidos. Esta última influência é mais evidente a partir da segunda metade do século XIX, sobretudo pela penetração de grupos protestantes norte-americanos nas instituições culturais e educacionais brasileiras.

A tendência à imitação de modelos culturais estrangeiros é acentuada pelo fato de que a sociedade nacional da época procurava estruturar-se como uma nação ocidental moderna, lançando os alicerces econômicos, políticos e culturais de um processo que deveria levar à sua realização como Nação. Nessa perspectiva, o passado colonial é avaliado negativamente e, na medida do possível, procura-se apagar seus traços – o que, a nosso ver; representa uma das razões da evidente descontinuidade entre as “idéias psicológicas” da época colonial e a “Psychologia” ensinada e elaborada nas escolas do século XIX.

A preservação da memória histórica da psicologia no Brasil e a integração da história da psicologia no conjunto da história das ciências

Os levantamentos documentários desenvolvidos, ao longo desses anos, em vários acervos brasileiros, alertaram-me sobre as condições às vezes precárias dos mesmos e, mais amplamente, evidenciaram a oportunidade de chamar a atenção do mundo acadêmico e da opinião pública acerca da urgência de salvaguardar o patrimônio histórico da cultura deste país.

Um trabalho de levantamento de material documentário, desenvolvido ao longo de dois anos (1989/1990), em duas bibliotecas anexas a instituições acadêmicas que tiveram uma função histórica muito importante, no âmbito do mundo intelectual brasileiro – a Faculdade de Direito e a Faculdade de Medicina de São Paulo, atualmente integradas à Universidade de São Paulo – finalizou-se na elaboração de um Catálogo das fontes de História da Psicologia contidas nos dois referidos acervos. Estas fontes, produzidas por médicos, juristas, pedagogos e filósofos brasileiros, em forma de livros, teses ou artigos em periódicos especializados, referem-se principalmente às primeiras quatro décadas do século XX e mostram com clareza as diversas modalidades de recepção da nova Psicologia científica pelo contexto intelectual do país. Além disso, foram levantadas e classificadas as produções de psicólogos estrangeiros contidas em tais acervos, sendo dessa forma possível detectar as principais influências exercidas sobre a Psicologia brasileira por autores, abordagens teóricas e escolas representativas da Psicologia científica internacional, num período histórico em que surge a universidade brasileira e a Psicologia passa a fazer parte do conjunto de disciplinas científicas nela ensinadas.

Os referidos estudos sensibilizaram-me a respeito da necessidade de contribuir de alguma forma para a preservação da memória histórica da Psicologia brasileira.

Surgiu assim o plano da criação de um Arquivo, ou Centro de Documentação de História da Psicologia e das Idéias Psicológicas, na cultura brasileira. Um passo muito importante para a realização deste plano foi o estabelecimento de contatos e de colaboração científica com alguns membros da Sociedade Brasileira de História da Ciência, sobretudo os que estavam planejando a criação de um Centro de Documentação em História

das Ciências (Cesima), que permitisse aos pesquisadores o acesso às fontes fundamentais nessa área de estudos e a conservação da documentação relativa à História da Ciência Brasileira. Nesse Centro, situado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, caberia também um setor dedicado à Psicologia e às Ciências Humanas. A partir desses contatos, percebi a importância de uma integração com o grupo dos historiadores da ciência. Colaboramos também na implantação de um Programa de Pós-Graduação na área de História da Ciência, junto à referida Universidade.

No ano passado, juntamente com a Professora Doutora Regina de Freitas Campos, propusemos a abertura de uma Seção de História da Psicologia, no seio da Sociedade Brasileira de História da Ciência, proposta que já foi aprovada pela Diretoria da Sociedade.

A repercussão destas iniciativas na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto foi, antes de mais nada, a criação do Núcleo de História das Ciências e Epistemologia, juntamente com alguns outros colegas do Departamento de Psicologia e Educação: o Professor Doutor Lino O. Bueno (Psicologia Experimental) e a professora Marcia T Ferraz (História das Ciências). Os objetivos do Núcleo são dois: por um lado, possibilitar o aperfeiçoamento da formação de docentes e alunos da Faculdade, promovendo debates e palestras com especialistas nacionais e estrangeiros nas áreas de Epistemologia e História das Ciências, tendo em vista a elaboração de programas específicos de formação de pesquisadores em nível de Graduação e de Pós-Graduação; por outro lado, promover a colaboração entre os pesquisadores nestas áreas atuantes na Faculdade, através da organização de Seminários internos para o estudo e discussão de textos de particular interesse e para a comunicação dos resultados das pesquisas desenvolvidas pelos mesmos.

O ensino das disciplinas históricas em psicologia e a formação de jovens pesquisadores na área

O ensino da História, ou a compreensão da dimensão histórica relativa a qualquer área do saber, como é o caso da “História da Psicologia”, apresenta-se atualmente como uma tarefa especialmente árdua e ao mesmo tempo urgente. Nós nos encontramos hoje em um clima sociocultural que facilita o esquecimento ou a censura da memória, em jovens e adultos, o que, por sua vez, implica num enfraquecimento da

consciência da própria identidade cultural em indivíduos e sociedades, bem como em um empobrecimento da capacidade crítica. No que diz respeito à formação escolar, os programas tradicionais que organizam o estudo da História nos cursos primários e secundários anulam, em muitos casos, o interesse próprio pela mesma. Tal situação é particularmente evidente no contexto brasileiro, devido a um complexo processo histórico de colonização cultural e social realizado, entre outras coisas, através do obscurecimento da memória do passado e do ocultamento de seus sinais no presente. Aos olhos do historiador que, sob diversas óticas, se aproxime da realidade brasileira, ressalta-se uma aparente descontinuidade que documenta, a nosso ver, a ocorrência de semelhante processo. Essa mesma situação estimula, porém, a necessidade urgente de uma recuperação do passado, que se manifesta sob a forma de um renovado interesse pelas leituras de teor histórico ou pelas narrativas de ficção histórica. Trata-se então de um momento particularmente propício à consolidação dos estudos históricos, pois encontram-se curiosidade e abertura nos estudantes.

No ensino das disciplinas de teor histórico pelas quais sou responsável junto ao Curso de Graduação em Psicologia no campus de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, tenho procurado atuar com atenção e coerência frente à necessidade acima descrita.

As disciplinas por mim lecionadas são: “História da Psicologia I”, ministrada no primeiro semestre do primeiro ano de Curso; “Teorias e Sistemas em Psicologia”, ministrada no segundo semestre, e “História da Psicologia II”, matéria optativa ministrada neste mesmo semestre. Sendo estas disciplinas oferecidas nos primeiros anos de formação do aluno, o seu ensino demanda um treino específico no que diz respeito ao método de estudo, sobretudo quanto à leitura dos textos de autores “clássicos” da História da Psicologia e da História das Idéias.

Os critérios que norteiam a elaboração dos programas das respectivas disciplinas são os seguintes: a definição da História da Psicologia como parte da História da Cultura e da Sociedade; a identificação, no âmbito da História da Psicologia, de duas vertentes, a História da Psicologia e a História das Idéias Psicológicas; a oportunidade de que o estudante tenha um contato direto com as fontes da História da Psicologia e das Idéias Psicológicas; a ênfase no fato de que o estudo da História pode desvelar ou evidenciar de maneira mais clara as múltiplas facetas da realidade presente.

Parece-me que, devido a tudo o que até agora expusemos, a formação dos alunos interessados nos estudos históricos deva ser proporcionada a partir dos primeiros anos do curso, pois trata-se de iniciá-los numa perspectiva intelectual que coloque a dimensão temporal como recurso para a compreensão de teorias e práticas psicológicas. Nesse sentido, é preciso propor alguns “percursos” para introduzir os estudantes nas mencionadas perspectivas, formando aos poucos uma mentalidade histórica (ou “sentido histórico”) e oferecendo ao mesmo tempo instrumentos para capacitá-los do ponto de vista metodológico (quanto ao conhecimento e à consulta dos acervos documentários e quanto à coleta, à leitura e à interpretação das fontes encontradas). Não se trata de uma tarefa fácil, considerando-se também a escassez dos recursos disponíveis (entre outros fatores, a pobreza das bibliotecas no que diz respeito a esta área; a falta de preparo dos alunos formados pelas escolas secundárias, no campo dos estudos históricos; o desconhecimento de idiomas que seriam necessários para a leitura das fontes mais antigas, tais como o francês, o espanhol e o latim).

Levando em conta esta situação e visando a formação de jovens pesquisadores nas referidas áreas de estudos junto ao Departamento de Psicologia e Educação, tenho realizado atividades de orientação de pesquisas monográficas com alunos do Programa de Bacharelado e bolsistas de Iniciação Científica. Tais pesquisas têm o objetivo de abordar aspectos específicos no âmbito de Projetos de pesquisa mais amplos, por mim desenvolvidos, visando a iniciação dos alunos nos estudos históricos em Psicologia, seja no que diz respeito aos métodos de investigação, seja no que diz respeito aos conteúdos a serem enfocados.

Visando objetivos análogos de formação de jovens pesquisadores, num nível mais adiantado, tenho proposto uma linha de pesquisa na área de Estudos Históricos em Psicologia no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, recentemente instalado em nossa Faculdade. Nesse Programa, ofereço duas disciplinas: “História da Psicologia: Objetos, Métodos e Problemas” e “Seminários em História das Ciências e Epistemologia”, sendo esta última disciplina ministrada em colaboração com o Professor Doutor José Lino Bueno. A primeira disciplina visa fornecer aos jovens pesquisadores instrumentos conceituais e metodológicos para as investigações de tipo histórico, destacando as diversas maneiras, hoje praticáveis, de estudo da “História da Psicologia”. A segunda aborda temáticas históricas e epistemológicas, contando com a

colaboração de diversos especialistas nacionais e estrangeiros convidados para ministrar palestras ou mini-cursos.

Em conclusão...

Um trecho do romance de Th. Mann, *José e seus irmãos*, sumariza a evidência que mais claramente pode-se apreender ao longo do trabalho histórico:

Quanto mais se escava no subterrâneo mundo do passado, (...)tanto mais o insondável se diverte em brincar com a nossa paixão interrogante, oferece-lhe pontos de chegada ilusórios, atrás dos quais, assim que atingidos, abrem-se novos caminhos do passado, como acontece a quem, caminhando ao longo das margens do Mar do Norte, não encontra nunca o termo de seu caminho, porque, atrás de cada terreno arenoso de dunas que deseja atingir, outras amplas vastidões atraem para mais além, na direção de outras dunas.

Neste percurso sem fim, cada ponto de chegada coincide sempre com o ponto de partida para novas investigações.

Bibliografia

- BROŽEK, J. & PONGRATZ, L.J. (1980). *Historiography of Modern Psychology*, Toronto, Hogrefe.
- CHARTIER, R. (org). (1989). *La correspondance. Les usages de ta lettre au XIXe siècle*, Paris, Fayard.
- ELLIOT, J. H. (1984). *O Velho Mundo e o Novo, 1492-1650*, 1970, Lisboa, Querco.
- FERRONHA, A. L. (1991). Introdução. In: ALBUQUERQUE, L (org.), *O Confronto do Olhar*, Lisboa, Caminho, pp. 9-30.
- FIGUEIREDO, L.C. (1994). *A invenção do psicológico. Quatro séculos de subjetivação 1500-1900*, São Paulo, Escuta-Educ.
- GLIOZZI, G. (1977). *Adamo e il Nuovo Mondo. La nascita della'Antropologia come ideologia coloniale: dalle genealogie bibliche alle teorie razziali (1500-1700)*, Firenze, La Nuova Italia Edirrice.
- GOMBRICH, E.G. (1994). *Para uma História Cultural*, 1969, Lisboa, Gradiva.

- HILGARD, E.R., LEARY, D.E. & MACGUIRE, G.R. (1991). "The History of Psychology: A Survey and Critical Assessment". In: *Annal Review Psychology*, vol. 42, pp. 79-107.
- HOLANDA, S.B. (1994). *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio.
- LADURIE, E., Le Roy (1983). *Entre los Historiadores*, 1989, México, Fondo de Cultura Económica.
- LE GOFF, J. (1974). "Les mentalités. Une histoire ambiguë". In: LE GOFF, J., *Faire L' Histoire*, Paris, Gallimard, tomo III, pp. 76-94.
- LE GOFF, J. (1993). *A Nova História*, 1978, São Paulo, Fontes.
- LOUREIRO, R. (1991). "A visão do índio brasileiro nos matados portugueses de finais do século XVI". In: ALBUQUERQUE, L. (org.), *O confronto do olhar*, Lisboa, Caminho, pp. 259-288.
- MANDROU, R. (1968). "L' Histoire des Mentalités". In: *Encyclopedia Universalis*, vol. VIII, pp. 436-438.
- MAHFOUD, M. & MASSIMI, M. (1992). "Descobrimo o mundo, descobrir o outro: o processo psicológico de conhecimento da realidade social, no Brasil do século XVI", *Anais*, "Congresso Internacional de História 'América 92': Raízes e Perspectivas", Universidade de São Paulo, 17-21 agosto, no prelo.
- MASSIMI, M. (1985). *História das Idéias Psicológicas no Brasil, em obras do período colonial*, Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- _____. (1986). "As origens da psicologia brasileira, em obras do período colonial". In: *Cadernos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, n. 23, pp. 95-118.
- _____. (1987a). "Psicologia Experimental em São Paulo: dados acerca da contribuição do Professor Ugo Pizzoli". In: *Psicologia*, a.13, n.1, pp. 27-36.
- _____. (1987b). "Psicologia Clínica-Experimental em São Paulo: a contribuição de Domingos Jaguaribe". In: *Psicologia*, a.13, n.2, pp. 15-26.
- _____. (1989). *A Psicologia em Instituições de Ensino Brasileiras, no século XIX*, Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- _____. (1990). *Catálogo de Fontes para a História da psicologia em acervos da cidade de São Paulo*, mimeo, FAPESP.

- _____. (1990). “As definições de Psicologia na cultura brasileira do século XIX”. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 5, n.2, pp. 203-215.
- _____. (1990a). “Conhecimentos acerca do Homem e de sua Subjetividade no Brasil Colonial”. In: *Quipu: Revista Latino-Americana de Historia de las Ciencias y la Tecnología*. México, vol.7, n.2, pp. 23-257.
- _____. (1990b). *História da Psicologia Brasileira*, São Paulo, Editora Pedagógica Universitária.
- _____. (1991). “O estudo do Homem Moral na faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no século XIX”. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 7, n. 1, pp. 71-82.
- _____. (1992a). “As idéias psicológicas de Francisco de Mello Franco, médico e iluminista brasileiro”. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 7, n.1, pp. 83-90.
- _____. (1992b). “O ensino da Psicologia no século XIX na cidade de São Paulo”. In: *Paideia*, n.3, pp. 26-39.
- _____. (1993a). “O ensino da Psicologia no século XIX na cidade de Rio de Janeiro”. In: *Paideia*, n.4, pp. 64-80.
- _____. (1993b). “A contribuição de um iluminista brasileiro à História das Idéias Psicológicas”. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 9, n.1, pp. 39-50.
- _____. (1993c). “O ensino da Psicologia nos Seminários Episcopais de Rio de Janeiro e São Paulo no século XIX”. In: *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, n.9, pp. 41-50.
- _____. (1993d). “Visões do Homem e aspectos psicológicos no encontro entre a cultura portuguesa e as culturas indígenas do Brasil, no século XVI”. Documentos e perspectivas de análise. In: *Actas do Congresso Internacional de História: Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas*, volume II, Universidade Católica Portuguesa-Comissão Nacional para as Comemorações dos descobrimentos Portugueses-Fundação Evangelização e Cultura, Braga, pp. 609-627).
- _____. (1994). “Psicologia na visão de Psicólogos e Psiquiatras brasileiros das primeiras décadas do século XX”. In: *Paideia*, n.6, pp. 84-99.

- _____. (1995). *Descobrimento, ação, conhecimento e poder, no Brasil colonial: estudos histórico-psicológicos*, Tese de Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto.
- TODOROV; 1: (1989). *La Conquista de América. El problema del otro*, 1982, Madrid, Siglo Veintiuno Editores.
- WATSON, R.I. (1960). "The History of Psychology: a neglected area". In: *American Psychologists*, vol. 15, pp. 251-255.